



O Evangelho na América Latina: entre a frágil vivência cristã e a frustração da sua proposta*

Elias Wolff^a

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Brasil)

<http://orcid.org/0000-0003-2479-2340>

RECIBIDO: 04-06-24. APROBADO: 20-11-24

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre a relação entre Evangelho e fé cristã na América Latina, analisando se tal incide, ou não, nas culturas e nas estruturas sociais dos povos desse continente. Identifica elementos que frustram a proposta do Evangelho, como expressões religiosas e culturais que propõem tanto uma imanência sem transcendência quanto uma transcendência sem imanência, o que descaracteriza a fé cristã. E aponta caminhos para uma reafirmação do Evangelho no cotidiano social, como a fé no Deus intra-mundo, a interação entre fé cristã e sociedade, a compreensão de salvação como plenificação do sentido da vida. Tais elementos são fundamentais para que a proposta do Evangelho não seja frustrada, mas acolhida e inserida nas vivências das pessoas e das comunidades cristãs. O método da pesquisa é a leitura qualitativa da bibliografia que relaciona Evangelho, fé cristã e sociedade. A conclusão é que urge uma rerepresentação do Evangelho na América Latina, com efetiva inserção de seus valores nos espaços cotidianos de quem professa a fé cristã. Isso requer um repensamento do ser cristão e a reconfiguração da Igreja, com engajamento numa agenda social a curto e médio prazo.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho; fé cristã; sociedade; América Latina; inclusividade.

El Evangelio en América Latina: entre la frágil experiencia cristiana y la frustración de su propuesta

RESUMEN: El objetivo de este artículo es reflexionar sobre la relación entre el Evangelio y la fe cristiana en América Latina, analizando si esta penetra o no en las culturas y estructuras sociales de los pueblos de ese continente. Identifica elementos que frustran la propuesta del Evangelio, como expresiones religiosas y culturales que proponen tanto una inmanencia sin trascendencia como una trascendencia sin inmanencia, lo que caracteriza erróneamente la fe cristiana. Y

* Artigo de Investigação, 2022-2026. Pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq Brasil, por meio da concessão de Bolsa de Produtividade em Pesquisa - Edital N.º 09/2022 – Processo n.º 303984/2022-8.

^a Autore corrispondente. E-mail: p.eliaswolff@gmail.com

señala caminos para una reafirmación del Evangelio en la vida social cotidiana, como la fe en el Dios intramundano, la interacción entre la fe cristiana y la sociedad, la comprensión de la salvación como cumplimiento del sentido de la vida. Tales elementos son fundamentales para que la propuesta evangélica no sea frustrada, sino acogida e inserta en las experiencias de las personas y comunidades cristianas. El método de investigación es la lectura cualitativa de la bibliografía que relaciona el Evangelio, la fe cristiana y la sociedad. La conclusión es que urge una representación del Evangelio en América Latina, con la inserción efectiva de sus valores en los espacios cotidianos de quienes profesan la fe cristiana. Esto requiere un replanteamiento del ser cristiano y la reconfiguración de la iglesia, con compromiso en una agenda social de corto y mediano plazo.

PALABRAS CLAVE: Evangelio; fe cristiana; sociedad; América Latina; inclusivo.

The Gospel in Latin America: Between the Fragile Christian Experience and the Frustration of its Proposal

ABSTRACT: The objective of this article is to reflect on the relationship between the Gospel and Christian faith in Latin America, analyzing whether or not this affects the cultures and social structures of the people of that continent. It identifies elements that frustrate the proposal of the Gospel, such as religious and cultural expressions that propose both an immanence without transcendence and a transcendence without immanence, which mischaracterizes the Christian faith. And it points out ways for a reaffirmation of the Gospel in everyday social life, such as faith in the intra-world God, the interaction between Christian faith and society, the understanding of salvation as the fulfillment of the meaning of life. Such elements are fundamental so that the Gospel proposal is not frustrated, but welcomed and inserted into the experiences of people and Christian communities. The research method is the qualitative reading of the bibliography that relates the Gospel, Christian faith and society. The conclusion is that there is an urgent need for a re-presentation of the Gospel in Latin America, with the effective insertion of its values into the daily spaces of those who profess the Christian faith. This requires a rethinking of being a Christian and the reconfiguration of the church, with engagement in a short and medium term social agenda.

Key Words: Gospel; Christian faith; Society; Latin America; Inclusivity.

CÓMO CITAR:

Wolff, Elias. “O Evangelho na América Latina: entre a frágil vivência cristã e a frustração da sua proposta”. *Theologica Xaveriana* vol. 75 (2025): 1-30. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx75.calfvc>

Introdução

Este artigo tem o intento de analisar se o fato de a religião cristã ser a mais expressiva no continente latino-americano, significa efetiva acolhida e vivência do Evangelho, com alguma incidência no cotidiano das sociedades. Partimos da pergunta: a América Latina é, de fato, um continente cristão? A busca da resposta leva a uma distinção entre, de um lado, um cristianismo como sistema religioso formado por normas, doutrinas, ritos e, de outro lado, a fé como vivência do Evangelho nas relações pessoais e sociais. Constatamos sinais de frustração da proposta evangélica hoje, como a afirmação da transcendência sem imanência e da imanência sem transcendência, a falta de justiça e solidariedade, que descaracterizam a Boa Nova e propõem uma religião sem vínculos com os contextos socioculturais. Para superar tal fato, propomos um revigoramento da mensagem evangélica pela afirmação de um Deus intra-mundo, como o mistério da encarnação apresenta; a interação entre o religioso e o social, como se observa na vida e pregação de Jesus; a dimensão histórica da soteriologia; e a exigência decolonial da compreensão da fé cristã na América Latina. Por fim, apontamos caminhos para uma acolhida engajada do Evangelho nas sociedades latino-americanas, reafirmando a latino-americanidade do pensar teológico pela inclusividade, a opção pelas pessoas empobrecidas, a afirmação dos direitos humanos, da paz e do compromisso ecológico. Concluimos que é vivendo a fé cristã como diaconia à vida humana e do planeta que se supera as frustrações na acolhida da proposta da Boa Nova do Reino, reafirmando-a em seu valor e significado nos tempos e contextos atuais.

Faz-se necessário dizer que neste estudo tratamos do continente latino-americano de um modo global, sem entrar nas especificidades de cada país e região, o que pode ser buscado em estudos detalhados existentes nos diversos países. Não obstante, nossa visão global da realidade latino-americana tem sustento no que se constata localmente, de modo que utilizamos a leitura de realidades específicas para formar uma visão de conjunto a respeito do quadro social e da vivência cristã na América Latina. E quanto ao recorte temporal do nosso estudo, pelas fontes utilizadas verifica-se que tratamos do momento presente. Claro, o que hoje se vive em nosso meio é fruto da história, por isso recorremos a fontes anteriores, por vezes, mas apenas quando elas contribuem para entendermos o momento que ora vivemos no continente.

A América Latina, um continente cristão?

A América Latina, continente formado por vinte países que somam 660 milhões de habitantes, caracteriza-se como religioso, tendo mais de 90% da sua população integrante em alguma tradição religiosa. Com a colonização europeia esse continente

se afirmou católico e assim se manteve até o século XIX, com a chegada das igrejas protestantes. Desde então, a fé cristã, em suas múltiplas formas, é a mais expressiva na América Latina, com destaque para a religiosidade católica centrada na veneração aos santos, o protestantismo histórico e, atualmente, o Jesus evangélico do pentecostalismo. Hoje, todos os países da América Latina contam com pelo menos 50% da população cristã, com exceção do Uruguai, com 44,4%: “Na Bolívia, Equador, Paraguai e Peru, a porcentagem de cristãos chega a 90%”¹. É um cristianismo que se fragmenta constantemente, vivido entre tensões e ambiguidades que ferem a sua proposta central caracterizada pela caridade, comunhão fraterna, diaconia, promoção da vida na justiça e na paz.

A realidade sociocultural e religiosa da América Latina interpela a fé cristã. Questões sociais como a pobreza, a miséria e a fome indagam sobre o que caracteriza, de fato, o compromisso cristão. Não nos referimos a doutrinas e ritos, mas à *experiência* do Evangelho. Pois apenas os elementos formais da religião cristã, não são o suficiente para expressar a Boa Nova do Reino de justiça, paz, “vida em abundância” (Jo 10,10). E os elementos formais do cristianismo estão bem presentes na vida cultural dos povos, como a sincronia entre feriados civis e festas litúrgicas do Natal, Dia dos Santos, Finados, Páscoa, etc. Mas não conferem, de fato, um sentido cristão à vida social. Esta, mesmo com marcas da religião cristã, como a associação religiosa-civil do calendário, é regida por critérios que dispensam o conteúdo da fé que poderia orientar valores humanitários na política e na economia. Nas sociedades atuais constata-se posturas xenofóbicas, sexistas, racistas e excludentes que contradizem o Evangelho. Como entender cristão um continente onde, “em 2022, 29,0% da população se encontrava em situação de pobreza e 11,2% em condições de pobreza extrema”²

Essa realidade é gritante: 180 milhões de pessoas no continente não tem renda suficiente para cobrir suas necessidades elementares e, entre elas, 70 milhões não conseguem adquirir uma cesta básica de alimentos³. A fome atinge 40% de toda a população da região (numa média mundial de 29,3%)⁴. No Brasil, a violência social causa a morte

¹ Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, *Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências. Dossier* 59, 6.

² Cepal, *Panorama social de América Latina y el Caribe 2023: la inclusión laboral como eje central para el desarrollo social inclusivo*, 58.

³ Ibid.

⁴ A título de exemplo: no Brasil, a fome atinge 35 milhões de pessoas; na Argentina, de cada 10 pessoas, 4 são pobres e 1 vive em situação de miséria; a Venezuela é o país com o maior índice de desnutrição (22,9 %), seguida do Equador (15,4 %) e da Bolívia (13,9 %). Veja-se: Lucena, “Fome na América Latina cresceu 28% em meio à pandemia, mostra relatório da ONU”.

de cerca de 66 pessoas por dia⁵; na Colômbia, o narcotráfico se vincula com setores políticos e econômicos, e a dificuldade por acordos de paz causou o crescimento de 200% das chacinas no país, entre 2016 e 2021⁶; na Argentina, “Os crimes em geral cresceram 166% na Argentina nos últimos 11 anos”⁷. Essas situações invisibilizam a mensagem do Evangelho. Não é compreensível que o cristianismo como instituição conviva sem conflitos com projetos políticos e econômicos que expressam o lado oculto ou obscuro da modernidade capitalista e eurocentrada, que tem a “pretensão de ser a exclusiva produtora e protagonista” da história⁸.

A fé cristã nesse contexto requer o testemunho do espírito evangélico na vida pessoal e coletiva. Trata-se de afirmar um modo de viver, um *ethos* que faça diferença, indo além de um sistema de códigos religiosos, doutrinários ou morais. É expressar a fé no Deus de Jesus Cristo, próximo e solidário (Ex 3, 7-14), compassivo (Jo 10, 25-37), misericordioso (Ex 34, 6-7; Mt 9, 12-13). Os atributos de Deus não são conhecidos pela metafísica que trata de Deus *in se*, mas pelas relações do Deus *pro nobis*, “Deus conosco”, *Emmanuel* (Mt 1, 23). Essa fé é performativa da identidade cristã e de um estilo de vida realmente cristão. Como Jesus humaniza Deus, a fé no Deus de Jesus deve nos humanizar, de modo que a salvação consiste na plenificação do humano segundo critérios evangélicos. Tal é o desafio da fé cristã que afirma o Evangelho do Reino para toda a humanidade e aos povos latino-americanos.

Isso requer profunda revisão de estruturas sociais e eclesiais para que efetivamente visibilizem as características do Reino. Não se trata de confessionalizar a sociedade ou os Estados⁹, como outrora. Mas sua autonomia laical não impede que

⁵ Pitta, “Morte de 66 jovens por dia no Brasil tem impacto de R\$ 150 bilhões ao ano, diz Atlas da Violência”.

⁶ Pardo, “Os resquícios da guerra que seguem no cotidiano da Colômbia”, 112.

⁷ BBC Brasil, “Criminalidade cresce e assusta argentinos”.

⁸ Quijano, “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, 107-126.

⁹ Note-se, porém, que há países latino-americanos que mantêm forte vínculo entre Estado e religião em suas constituições. Assim é o caso de: Argentina, que no artigo 2º. da Constituição Federal de 1994, diz que “El Gobierno federal sostiene el culto católico apostólico romano”; (ver análise de Mallimaci, “A situação religiosa na Argentina urbana do fim do milênio”); a Bolívia, que na constituição de 1999, afirma no artigo 3º: “El Estado reconoce y sostiene la religión católica, apostólica y romana. Garantiza el ejercicio público de todo otro culto. Las relaciones con la Iglesia Católica se regirán mediante concordatos y acuerdos entre el Estado Boliviano y la Santa Sede”; e a Costa Rica, que na Constituição de 2003 afirma no artigo 75: “La religión católica, apostólica, romana, es la del Estado, el cual contribuye a su mantenimiento, sin impedir el libre ejercicio en la República de otros cultos que no se opongan a la moral universal ni a las buenas costumbres”. (Mallimaci, “A situação religiosa na Argentina urbana do fim do milênio”, 73-92). Dos vinte países, três adotam o regime de religiões de Estado (Argentina, Bolívia e Costa Rica), seis adotam o regime de separação Igreja-Estado com dispositivos particulares em relação à Igreja Católica (Guatemala, El Salvador, Panamá, República Dominicana, Peru e Paraguai), e

a prática religiosa incida no cotidiano da vida humana e nas condições do seu meio. Contudo, tem-se uma fé tibia, que não questiona as situações de dor e morte injustas, e nem influi para superar os dramas da fome, da violência, da xenofobia, do feminicídio, do racismo, entre outros. Tal passividade da vivência religiosa legitima a contradição entre a fé no Deus da vida e a negação dos direitos humanos; entre a esperança de acolhida e igualdade das diferenças e as posturas preconceituosas e discriminatórias excludentes; entre a valorização da dignidade da pessoa como criatura divina e a cultura do descarte¹⁰ de quem não produz economicamente porque é idoso, enfermo, pobre.

Por isso, está em questão se a América Latina é cristã, se o Evangelho atinge a essência da vida das pessoas crentes dinamizando a esperança do Reino com base a fatores de justiça, liberdade, direitos humanos e paz. Ou se a religião cristã existe como base para projetos ideológicos do mundo global mercantilizado que sacrifica a vida humana e a criação, com uma cultura imanentista que lhes tira o sentido de transcendência¹¹. O materialismo mercantilista e excludente que determina as relações entre pessoas e povos nos países latino-americanos mostra uma interação superficial entre cultura e fé cristã, relaciona-se com o cristianismo institucionalizado, mas não com o espírito do Evangelho.

A imanência sem transcendência

A cultura secularizada é antropocêntrica, tem o humano como única referência da realidade e a perspectiva material como absoluta no entendimento do que é bom, valor, verdade. O humano entende-se unicamente a partir de si mesmo, é o seu próprio fundamento. Daí a pretensão de dispor plenamente de si, do mundo, da história, da criação. A existência pragmática, com projetos a curto prazo, torna efêmera as opções e prioridades, num relativismo de convicções e valores. Isso tem implicações na concepção do dado religioso, carente de transcendência no mundo pós-moderno baseado em “experiências de auto-centramento, mergulhos na própria interioridade”¹². O religioso é reconstruído com base às subjetividades, “é o humano, as causas, os valores, as experiências éticas nas quais as pessoas, de alguma forma, saem de si mesmas e se ‘transcendem’”¹³.

onze países adotam o regime de separação Igreja e Estado (México, Haiti, Honduras, Nicarágua, Cuba, Colômbia, Venezuela, Equador, Brasil, Chile e Uruguai).

¹⁰ Francisco, Carta encíclica *Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social 18-20.

¹¹ Da Silva, “Religião: da fenomenologia à história”, 14.

¹² Palácio, “O cristianismo na América Latina. Discernindo o presente para preparar o futuro”, 180.

¹³ Ibid.

Nesse contexto, a ética humana sem vínculo sobrenatural. A superação das fragilidades e carências acontecem sem a graça ou o auxílio de um ser superior. Nisso o papa Francisco identifica tanto o “neopelagianismo auto-referencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças”¹⁴, quanto “o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade”¹⁵. É o que se verifica em movimentos religiosos que tem base nas filosofias não teístas, no iluminismo e no racionalismo moderno. Não se trata de uma “espiritualidade secular” no sentido de sintonia entre o espírito de fé e o comportamento no mundo, como propõe Maria Clara Bingmer (2014)¹⁶, mas de um mundo sem espiritualidade religiosa, que concebe o imanente sem o Transcendente. Tal é a “raiz do totalitarismo moderno”¹⁷, onde cada pessoa busca impor seus interesses e opiniões. Retomando o N.º 44 da *Centesimus annus*, o papa Francisco afirma: “Se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens”¹⁸.

O desafio para a fé cristã é mostrar que crer num Deus transcendente é fundamental para afirmar tanto a dignidade do ser humano, imagem e semelhança do divino (Gn, 1, 26), quanto a defesa da vida na/da criação. Com isso, não se está impondo o religioso como orientação obrigatória do viver ou das dinâmicas sociais, mas questionando a pessoa que se diz cristã, mas a vivência religiosa não faz diferença no seu meio.

Transcendência sem imanência

Por outro lado, observa-se em meios cristãos uma aspiração por transcendência que perde o contato com o mundo imanente. A fé torna-se um sentimentalismo holístico e abstrato, sem relação crítica e profética com o meio social. A espiritualidade pretensamente cristã que aí se cultiva não conduz à práxis evangélica das Bem-Aventuras (Mt 5, 1-12) e da parábola do Juízo Final (Mt 25, 31-46). Assim, há uma retração das comunidades cristãs do meio social, mesmo se continuam a promover os direitos humanos, a falar a favor das pessoas empobrecidas, injustiçadas e marginalizadas.

¹⁴ Francisco, “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)” 94.

¹⁵ Ibid. 93.

¹⁶ Bingemer, “Mística e secularidade: impossível afinidade?” 851-885; “Mais espiritualidade e menos religião (característica da nossa época?)”, 75-91.

¹⁷ Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 273.

¹⁸ Ibid.

Em meios católicos, isso acontece justamente num tempo em que a mais alta instância eclesiástica representada no papa propõe uma “Igreja em saída” e uma conversão pastoral em chave missionária¹⁹. O pontificado de Francisco revigora as orientações pastorais do episcopado católico latino-americano sobre a interação entre fé e vida, Igreja e sociedade, a opção preferencial pelas pessoas pobres²⁰ e uma Igreja simples, dinâmica e profética que assumiu a forma de comunidade eclesial de base, com justificativa na teologia do povo (*del pueblo*), em perspectiva libertadora. Mas a orientação da Igreja sobre o vínculo entre fé e vida é geralmente ignorada.

Há explicações para isso: primeiro, foi a minoria das lideranças eclesiásticas e leigas que, de fato, assumiu a perspectiva socio-libertadora da fé cristã; segundo, por que as resistências foram fortalecidas nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, com uma Igreja e um perfil pastoral, abastecidos por movimentos espiritualistas; terceiro, nesse contexto se refazem os quadros da Igreja e sua reorganização na perspectiva *ad intra*; quarto, tendências culturais influem para uma abstração da espiritualidade, da missão, da reflexão teológica, desencarnando a fé; finalmente, há também o conformismo de lideranças das comunidades, sobretudo o clero, que acham cômodo afirmar o *status quo* com base na auto-referencialidade. Assim, a maioria das pessoas cristãs não expressam consciência das interpelações da realidade social para a vivência do Evangelho.

A fé cristã na América Latina terá futuro na medida em que recuperar a capacidade de fazer experiência da transcendência na imanência, de afirmar a fé num Deus intra-mundo e pró-mundo, o que requer um estilo de igreja inserida nas vicissitudes cotidianas das sociedades. Não se trata de fazer simples adaptações, mas de repensar a totalidade do cristianismo a partir de novos pressupostos. As doutrinas, a espiritualidade, a missão precisam repropor a fé para o presente e o futuro de modo desvincilhado de costumes.

Diz o papa Francisco: “Convido a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das perspectivas comunidades”²¹. Só assim, a fé cristã reanima a esperança do Reino,

¹⁹ Francisco, “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)” 27.

²⁰ Conselho Episcopal Latino-Americano, *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968* 14.9; Conselho Episcopal Latino-Americano, *Conclusões da Conferência de Puebla – 1979* 1134; também 382, 707, 733, 769, 1217; Conselho Episcopal Latino-Americano, *Documento de Aparecida – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007)* 391.398.

²¹ Francisco, “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)” 33.

avanzando em processos transformadores e humanizadores que colocam a missão. Entendeu-se que assim chegou o Evangelho e a fé cristã já era afirmada na doutrina da Igreja. Mas não é o que aconteceu. O cristianismo afirmou-se no continente como sistema religioso, mas o Evangelho, como fundamento e espírito da Igreja/cristianismo, apenas superficialmente aí se manifestou.

O conteúdo do Evangelho não é o que, de fato, caracteriza o atual cristianismo latino-americano, pois o que existe hoje é o que D. Collin constatou num âmbito global: um cristianismo de “pertencimento”, mas não de “experiência”²². O Evangelho pode ser proclamado, mas não experienciado na sua mensagem de amor, justiça, solidariedade, paz, que indicam real seguimento de Cristo e opção pelo seu Reino. Ao dizer que professam a fé cristã, as pessoas se entendem “pertencentes” a alguma tradição eclesial na qual foram batizadas (mesmo sem assumir suas agendas), mas não estão necessariamente expressando com isso uma experiência do Evangelho. Tem-se mais presente a doutrina e a disciplina da Igreja, do que a mensagem de Jesus. E o cristianismo de mera pertença institucional não tem como efeito a vivência do amor, da caridade, da solidariedade evangélicas, não passa de um fenômeno cultural, sem implicações no existir e no agir.

As relações sociais na América Latina são carentes de critérios evangélicos, não obstante o fato de termos pessoas indo aos templos cristãos, orando, celebrando ritos sacramentais. É um cristianismo “atraente no mercado das necessidades religiosas do eu (que) vende valores [...] e ritos”²³. A fé cristã é confundida com a prática de um mínimo de observâncias disciplinares. Esse cristianismo des-evangeliza a fé porque não expressa fidelidade a Jesus Cristo e sua proposta do Reino que afirma a dignidade de toda vida, humana e da criação. Isso mostra que nesse continente, “o cristianismo é um vocábulo que começa bem mas termina mal”²⁴, sem a experiência concreta do discipulado e seguimento de Jesus Cristo, com base no Evangelho.

Por uma reapresentação do Evangelho que revigore a fé cristã no continente

A fé num Deus intra-mundo

A vivência da transcendência na imanência requer a fé num Deus intra-mundo, presente em sua interioridade mais profunda e seu sustento. Na tradição judaico-cristã,

²² Collin, *O cristianismo ainda não existe. Entre projetos inexistentes e a prática do Evangelho*, 21.

²³ Ibid., 25.

²⁴ Ibid., 21.

a criação, o ser humano, a história, o mundo são lugares da presença e ação divinas, mesmo nas mais expressivas tragédias da história, Deus não abandona a humanidade, “vê”, “ouve” se faz presente (Ex 3, 7-14). Os Evangelhos mostram Deus humanizando-se e habitando no mundo humano (Jo 1,14), como expressão do seu amor redentor, pois Ele “Amou tanto o mundo que deu seu Filho Unigênito” (Jo 3,16) para salvá-lo.

Com base a isso, urge reapresentar o Evangelho na América Latina, revendo a sua hermenêutica de modo a refazer a epistemologia cristã, repensando a revelação colhida na interpretação dos “sinais dos tempos”²⁵ que mostram um Deus intra-mundo. Sem tendência panteísta, a teologia cristã entende que Deus não está separado do mundo, pois só assim ele se faz sentido da história humana. Os Evangelhos mostram que Deus não é um divino imperador que define a vida com as normas sociais e morais de modo externo às vivências das pessoas. Em Jesus, o divino assume é reconhecido na condição humana (Fl 2,6-11), faz-se próximo, amigo, companheiro.

A secularização afirma o humano capaz de gerir suas lutas com responsabilidade, autonomia e liberdade. Mas isso não implica em eliminar Deus dos processos históricos e existenciais. A religiosidade popular na América Latina mostra que o sagrado irrompe no mundo de muitas formas e por muitas mediações. Mas muito das devoções populares se dá de forma mítica, sem a lucidez evangélica pela qual a fé desvela o significado religioso inerente às situações humanas, históricas e cósmicas. Refazer a epistemologia cristã exige lucidez no discernimento das questões fundamentais da existência e do mundo, aprofundando o sentido da realidade e definindo valores absolutos que permitem pronunciar a palavra “Deus”.

É fundamental uma compreensão esclarecida da intrínseca relação entre Deus e mundo, humano e divino, profano e religioso entendendo o mundo aberto ao transcendente. A criação, a cultura, a história, as situações da vida são, aos olhos da fé, direcionadas para além de si mesmas, eivadas de uma força de transcendência. Essa realidade se expressa por valores e atitudes éticas que possibilitam ir além da imanência que comportam. Mostram as esferas terrena e humana dimensionadas ao Infinito, indicam “algo/alguém”. É por isso que há realidades desse mundo que são compreendidas como sagradas pelas diversas religiões. São sacramentais ou sinais da presença de Deus no mundo. Isso nada tem a ver com magia, mas com uma penetração de fé na interioridade mais profunda da realidade para nela e a partir dela penetrar no divino. Assim, “No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto

²⁵ Concílio Vaticano II, “Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo actual (1965)” 1.

nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos”²⁶.

Esse fato fortalece a utopia e a esperança cristãs em meio aos povos latino-americanos. Suas lutas, seus sonhos, seus desejos, e suas frustrações, são trabalhadas religiosamente. E isso de forma crítica e libertadora, numa compreensão real da situação em que a pessoa fiel se encontra, suas causas e seu contexto. Por isso, a fé cristã não é um sentimento estéril que tolera situações injustas, mas um imperativo que as questiona e move à ação transformadora pela opção fundamental do Reino. Afirma-se, assim, a indignação ética que brota da consciência das estruturas de injustiça e atua para sua transformação, tornando o Evangelho algo concreto no cotidiano da vida de nossos povos.

Aprender com as pessoas pobres

A sensibilidade solidária, o espírito de partilha e a prática da hospitalidade, entre outras, são características marcantes nas relações entre as pessoas pobres e socialmente mais vulneráveis. Entre elas há um significativo exercício da mútua acolhida, mútua ajuda, um comportamento humanitário que acontece no cotidiano e independente de orientações da Igreja, uma vez que essas pessoas sentem-se excluídas dos espaços eclesiais oficiais. No Brasil, por exemplo, durante a pandemia da Covid 19, pesquisas mostram que “enquanto 49% dos brasileiros fizeram algum tipo de doação durante a pandemia do novo coronavírus, esse índice atingiu 63% nas favelas do país”²⁷.

A proximidade ou mesmo equivalência das condições sociais entre as pessoas pobres e vulneráveis, não é empecilho para exercitar a partilha das dores e vicissitudes, dos anseios e esperanças, e do pouco que se tem de bens materiais. É considerável a dinâmica das práticas coletivas, como associações de catadores de lixo, de trabalhadores/as camponeses/as, projetos de economia solidária, entre outras iniciativas que se apresentam como alternativas de sobrevivência. Numa comunidade de pobres, a questão social sensibiliza a todos de um modo direto e aí se exercita com mais acuidade o desprendimento, a disposição altruísta, a caridade de um indivíduo, de grupos, famílias. Constroem-se sistemas de apoio como uma solução alternativa à exclusão social que sofrem, reinventando a solidariedade contra a “cultura do descarte”.

²⁶ Francisco, *Carta encíclica Laudato si'. Sobre o cuidado da casa comum* 245. Como diz Paul Tillich, o “Espírito de Deus é a presença da vida divina no interior da vida da criatura” (Tillich, *Théologie systématique*. 4: *La vie et l'Esprit*, 120).

²⁷ Gandra, “Pesquisa mostra que solidariedade é maior entre moradores de favelas”.

As comunidades cristãs na América Latina têm muito a aprender com as pessoas pobres e vulneráveis. Entre as vivências de seus dramas, elas evangelizam a Igreja e a sociedade com o exercício da compaixão, da caridade, da hospitalidade. A dor do próprio sofrimento não deixa a pessoa indiferente ao sofrimento de outros, que não é considerado um sofrimento alheio, mas assumido como próprio, globalizando a solidariedade. O episcopado latino-americano identifica os “rostos sofredores que doem em nós”²⁸, e o papa Francisco diz que é necessário “Descobrir Cristo neles”, pois “Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte”²⁹. As pessoas pobres ensinam um novo jeito de viver e nele mostram o jeito de ser de Deus, elas são “um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja”³⁰.

Interação entre o religioso e o social

Como consequência da fé no Deus intra-mundo, tem-se uma interação positiva entre o religioso e o social. Nos evangelhos, a pregação de Jesus tem implicações políticas, a ponto de chamar Herodes de “raposa” (Mc 8,15), como ardiloso. Jesus mostra que o Reino se visibiliza por sinais que curam as feridas frutos da injustiça, como faz o Bom Samaritano (Lc 10,25-37), e a ação social é, inclusive, critério para a pertença ao Reino (Mt 25, 31-41). Contra forças secularistas que propõem uma sociedade aversa à religião, desvalorizando a contribuição do religioso como força instituinte do espaço público e elo de coesão social³¹, os evangelhos mostram que a mensagem de Jesus interage com as realidades sociais. E isso vemos na história das sociedades latino-americanas onde o dado religioso construiu marcas na cultura dos povos.

Como visto acima, tal não significa que há uma automática coerência entre fé cristã e estruturas sociais, que são marcadas, infelizmente, por injustiças de toda ordem. Mas é fato que o cristianismo se afirmou socialmente, ao menos no âmbito cultural. As comunidades cristãs podem servir-se desse fato para mostrar o humano em Jesus como ponto de partida das concepções sobre o divino e de nossas relações com Ele, afirmando um estreito vínculo entre graça e natureza, fé e vida, Igreja e sociedade. Diferente do secularismo ateu, a secularização nas sociedades latino-americanas tem

²⁸ Conselho Episcopal Latino-Americano, *Documento de Aparecida – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* (2007) 407-430.

²⁹ Francisco, “Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres”.

³⁰ Ibid.

³¹ Gauchet, *Le désenchantement du monde*.

“uma outra lógica”³², de modo que a compreensão de Deus, graça, Reino, missão, influencia na compreensão que se tem do mundo, da história, da sociedade, numa “religiosidade imanente”³³ às vivências sociais. E o vice-versa é verdadeiro: a compreensão deste mundo influencia na compreensão das realidades atemporais.

De um lado, isso significa que valores humanos e espirituais do Evangelho que fundam o cristianismo, transbordaram para a sociedade que os secularizou³⁴. De outro lado, isso libertou a vida pública e privada do peso da autoridade religiosa. Entre um e outro, há distinção e autonomia, mas não oposição. Concepções da vida e do mundo que não são próprias à fé cristã enquanto tais, podem ser conectadas com valores cristãos, como as noções de liberdade, felicidade, paz e dignidade humanas. A inspiração é a fé no mistério da encarnação do Verbo (Jo 1,14), que mostra Deus intra-mundo e, então, “A partir da nossa experiência de fé [...] tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades”³⁵.

Para tal, faz-se necessária uma reapresentação do Evangelho que possibilite a interação da vivência cristã com as situações da vida social, ampliando suas hermenêuticas para além do institucional e do tradicional, encarnando-o na vida dos povos. Numa interação positiva e complementar entre vivência religiosa e social, a fé no Evangelho relaciona-se com os fluxos socioculturais contextuais. É preciso superar, porém, a ambiguidade histórica dessa interação, ciente que a religião pode desenvolver um jogo duplo no meio social: de crítica profética ao *status quo*, ou de sua legitimação. Como rito formal, o cristianismo e a Igreja com suas instituições e doutrinas têm sido tão opressores quanto os sistemas econômicos e políticos. E o tem feito de várias formas: pelo espiritualismo abstrato, que não desperta a consciência das causas estruturais das injustiças socioambientais; a concepção de um deus disciplinador e vingativo, que intensifica tensões e conflitos nas consciências já atribuladas pelas vicissitudes do cotidiano; o institucionalismo que impõe normas de fé sem expressar as riquezas do mistério.

A interação entre Evangelho, fé e vida expressa tanto o vínculo profundo entre graça e natureza, quanto entre santidade e pecado. Infelizmente, o pecado social tem maior visibilidade nas sociedades geridas pela lógica do mercado global. Mostra as “veias

³² Parker, *Religião popular e modernização capitalista. Outra lógica na América Latina*.

³³ Corten; Molina, e Chiasson-LeBel, “Imaginaires religieux et politiques em Amérique Latine. Les contours des renvois de signification”, 253-280.

³⁴ Moingt, *Faire bouger l'Église*, 93. Ver também: Moingt, *L'Évangile sauvera l'Église*, 51-55. 56-61. 125-133.

³⁵ Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 274.

abertas”³⁶ no continente, pela imoralidade dos sistemas financeiros e do aparelho estatal, as injustiças nas relações entre pessoas e povos, o neocolonialismo em praticamente todos os âmbitos da vida social e mesmo religiosa. A vivência da transcendência na imanência questiona esse fato, leva os sistemas religiosos a se comprometerem com as transformações necessárias para a superação da injustiça, da dor e da morte na vida dos povos e da criação. Desse modo, as pessoas crentes fazem de suas relações cotidianas uma efetiva vivência da fé que professam.

Salvação como plenificação de sentido

E assim entende-se o significado cristão de salvação. Trata-se da comunhão com Deus, como realização plena do projeto divino na vida humana, participação no Reino de comunhão no amor do Pai, possibilitada pelo Filho (At 4,12; 1 Tm 2,3-5) e na força do Espírito (Lc 4,18; At 1,8). Na história do cristianismo, distingue-se entre justificação como mudança do *status jurídico* da pessoa diante de Deus, e santificação como transformação da condição moral e espiritual³⁷. A concepção de salvação foi espiritualizada, no sentido de “salvar a alma”, como ação expiatória de Cristo pelo pecado humano (Mc 10,45), num processo jurídico abstrato após a morte.

Tal concepção está hoje superada, e salvação é aspirada a partir deste mundo, tendo plenificação escatológica. É transformação do viver e do conviver agora, implicando em processos libertadores de tudo o que diminui o ato da existência. Trata-se de uma qualificação ética do viver, com descentração do eu egoísta, da autoreferencialidade, para centrar-se em Deus e no amor às pessoas (Mt 22, 37-39), tendo Jesus Cristo como modelo: “Como eu vos amei” (Jo 15,13). Acontece, assim, a plenificação de sentido da vida com relações de justiça, solidariedade, fraternidade. Não há auto-salvação, é Deus quem salva. E ele não quer salvar apenas indivíduos, mas a humanidade inteira, em Cristo (At 4,12; 1 Tm 3,2-5). Enfim, salvação é a humanidade reconciliada e reunida no perdão, na liberdade, na fraternidade, no amor.

Hoje, é comum falar de vazio de sentido, nos níveis pessoal e interpessoal. Turbulências sociais e carências de toda ordem no cotidiano das pessoas, sobretudo pobres e injustiçadas, dão uma sensação de vazio espiritual e social. Vive-se mendigando por pão, afeto, felicidade. A vida é experimentada de forma fragmentada, onde impera o efêmero, o parcial, o circunstancial, o relativo³⁸. Nada, ou muito pouco, se

³⁶ Veja-se: Galeano, *As veias abertas da América Latina*.

³⁷ Hick, *Uma interpretação da religião. Respostas humanas ao transcendente*, 82.

³⁸ Zygmunt Baumann fala de “sociedade líquida”, tratando da cultura pós-moderna, plural e fragmentada, sem referência a elementos epistemológicos, metafísicos, éticos e religiosos que lhe servissem de

revela por inteiro, perde-se a unidade das coisas, a noção de realidade como totalidade. As vicissitudes cotidianas movem o viver pela imediatez pragmática que se satisfaz no presente fluído como fundamento de tudo. O todo resume-se na parte necessária e possível para viver hoje, não há futuro, apenas o presente existencial. Tal é o senso comum - e o comum é o que conta, o que é assumido como valor e como verdade.

No contexto vital movido por carências, o que significa “transcendência” e “salvação”? A salvação acontece no processo de humanização como qualificação e plenificação do ser e do existir, pois o Evangelho orienta para uma prática humanista³⁹. A salvação como sentido pleno repensa e renova a condição humana, centrando-a na realidade última⁴⁰, que a fé cristã identifica como Deus e seu Reino. Daqui emergem desafios para a comunidade cristã, oferecendo um sentido profundo e global da realidade, rompendo com a finitude e a fragmentação das experiências vividas, e recompondo o todo pela integração das diferentes dimensões da existência. Somente assim a mensagem do Evangelho incide no contexto das vivências, colocando a concretude do cotidiano num horizonte transcendental salvífico enquanto plenificador.

Desse modo, a salvação como plenificação de sentido repensa e renova a condição humana no mundo atual, superando individualismos, egoísmos, exclusivismos, sectarismos. É uma nova criação em Cristo, que aperfeiçoa no humano a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Isso derruba as barreiras entre pessoas, povos, classes sociais. Na América Latina, essa compreensão de salvação requer processos de humanização da sociedade, da cultura, da política, da economia, da técnica, das ciências, etc. Deus quer salvar o que ele criou, e criou o ser humano para um sentido. O sem sentido é perdição do rumo e do porquê da existência. Tudo o que dá sentido de humanidade verdadeira, condiz com o projeto salvífico que Deus tem para o ser humano.

A exigência decolonial

Por muito tempo, a compreensão do Evangelho construiu na América Latina um cristianismo que legitimou ideologias dominantes, o autoritarismo exercido pelas classes sociais privilegiadas, o estrangeirismo, o branqueamento da população, o patriarcalismo. Tudo foi naturalizado por estruturas mentais baseadas numa pretensa

fundamento e horizonte de sentido. Veja-se: De Oliveira, “Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida”, 25-36.

³⁹ Moingt, *Faire bouger l'Église*, 96.

⁴⁰ Hick, *Uma interpretação da religião. Respostas humanas ao transcendente*, 17-42.

superioridade de raça, nação, ciência, cultura, religião⁴¹. Os povos locais foram acostumados com pontos de vista, conceitos, linguagens euro/nortecêntricas que cooptam suas cosmovisões⁴². Numa associação entre colonização política, econômica, cultural e religiosa, “a cosmologia cristã foi elevada ao grau de legitimidade incontestada e sua teologia e cosmovisão foram impostas como condição de realidade última e universal”⁴³, inferiorizando os povos locais em sua racionalidade e suas crenças, consideradas misticismos primitivos. Não há colonização apenas do território e das riquezas naturais, mas também das mentes e dos espíritos.

Acolher o Evangelho hoje na América Latina requer pensar, crer e viver a fé cristã de modo contextualizado, com ruptura epistemológica dos padrões euro/nortecêntricos na compreensão da realidade, da Igreja e sua missão, construindo perspectivas teológicas decoloniais com categorias, linguagens e cosmovisões alternativas⁴⁴. A contextualização do Evangelho oferece algo original para repensar as heranças coloniais e confrontar a globalização que busca recolonizar. É preciso uma ecologia do crer, aberta à pluralidade das experiências místico religiosas dos povos desse continente, à vivência religiosa de índios, negros, caboclos, classes populares, suas tradições e sabedorias, mostrando a relevância de cosmovisões não-europeias, como a pajelança nos povos da Amazônia, o princípio do *bem-viver*⁴⁵, a utopia da *terra sem males*⁴⁶, a mística do umbutu afro-americano⁴⁷. A fé cristã pode ser enriquecida com os povos originários que vivenciam suas crenças em estreito vínculo com a natureza; a Igreja pode se reorganizar com a força do *sensus fidei* das comunidades populares; a simplicidade da vida cristã e eclesial se modela nas organizações comunitárias de ribeirinhos, dos povos dos andes e dos altiplanos. Deve-se compreender essas concepções e experiências místico-religiosas e culturais em suas dinâmicas de alteridade, rechaçando universalismos reificados.

Para isso, faz-se necessário revigorar a teologia latino-americana construída a partir da década de 1960, refletindo a fé cristã em processos libertadores das estruturas

⁴¹ Mignolo, *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*; Quijano, “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, 107-126.

⁴² Dussel, “Europa, modernidade e eurocentrismo”, 55-70.

⁴³ Amaro, “Um giro epistemológico nos estudos sobre religião: a decolonialidade do sagrado”, 153.

⁴⁴ *Ibid.*, 159.

⁴⁵ Gilonna e De Souza, “Desenvolvimento do bem-viver junto aos povos tradicionais”, 250-261; Acosta, *O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*.

⁴⁶ Dalla Rosa, “Bem-viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de decolonialidade”, 298-307.

⁴⁷ Do Nascimento, “Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu”, 231-245.

neocoloniais sociais e religiosas. Tem-se, assim, nova episteme da fé, dinâmica e processual, de modo que a vivência religiosa verdadeira atinge a totalidade da existência, não se engessa em princípios formais, característica de sistemas religiosos impostos. E a criatividade das vivências locais incide na formação religiosa como expressão sincrética, que não tende necessariamente a uma síntese, entendendo que “Há muitas vezes, uma sobreposição de símbolos e significados”⁴⁸.

A nova episteme do dado religioso precisa ser “gerada nos entre-lugares, nas bordas das instituições, nas ruas, nos corpos que foram silenciados historicamente”⁴⁹. Isso desafia na busca de soluções eficientes e eficazes para a superação dos problemas sociais e projeta uma nova realidade também eclesial. Desafia a Igreja a rever doutrinas, disciplinas, ritos no interior de processos culturais e sociais dos povos latino-americanos. Então a missão poderá melhor orientar um modo de situar-se no mundo, atuando em seus processos e mecanismos socioculturais. Fé e realidade vinculam-se na superação de dogmáticas colonizadoras. Assim, a Igreja mostra-se fiel aos contextos locais, e é um serviço à afirmação dos valores desses contextos, discernindo os caminhos que o Reino de Deus percorre na história dos povos latino-americanos.

O repensamento do ser cristão e ser Igreja, com inserção do Evangelho nos contextos latino-americanos

A fé cristã vivida de modo inserido expressa o fim social do testemunho do Evangelho. O Evangelho propõe um julgamento crítico de situações, projetos e estruturas que incidem na vida das populações latino-americanas. Então, as comunidades cristãs não são mais usadas como mecanismo ideológico de dominação, de projetos que embora utilize métodos, linguagens e conteúdos aparentemente sintonizados com suas convicções, na verdade joga contra elas. Para isso, é fundamental discernir desvios e equívocos nas vivências de fé. A mensagem do Evangelho denuncia profeticamente as situações de injustiça e dor, exclusões e conflitos sociais; denuncia a degradação ambiental; denuncia cultos prestados a um deus que não se incomoda com as injustiças à vida humana e da criação. Esse deus é um ídolo, manipulável segundo interesses de quem lhe presta culto. Deve-se ter a interdição do uso do nome de Deus com finalidade ideológica.

Então, a fé cristã assume finalidade social, como resposta das comunidades aos fatores da globalização, da urbanização, da industrialização, da cultura midiática e digital, que expressam desigualdades sociais estruturantes nas sociedades latino-americanas. A fé absorve a necessidade de socialização, transformando as pautas individuais

⁴⁸ Steil, “Catolicismo e cultura”, 30-31.

⁴⁹ Hortegas, “Religião popular e sincretismo na América Latina: uma análise decolonial”, 6.

em pautas coletivas, ressignificando identidades e integrando as comunidades nos processos de libertação.

Isso faz da fé cristã um contraponto às realidades limitadoras da vida das pessoas, povos e da criação. A vivência do Evangelho se dá como abertura para uma utopia realista, com caráter político de enfrentamento a toda injustiça, e sustenta a esperança de existência livre e digna, na igualdade de direitos, na justiça e na paz. Constroem-se vínculos solidários entre pessoas crentes no Deus da vida, atualizando para hoje questões de sempre na vivência religiosa: qual a relação entre fé e vida? Como a fé ilumina a compreensão da realidade em que se vive? A afirmação “Deus salva em Cristo”, o que quer dizer de fato? Para os povos latino-americanos, o que significa crer que “estamos nas mãos de Deus” e que “Deus conduz a história”? A resposta acontece no enfrentamento de algumas urgências, que propomos a seguir.

Reafirmação teológica da latino-americanidade

Desde a colonização europeia, os habitantes do continente latino-americano são questionados em seu ser gente, considerado em nível inferior ao conquistador. Foi colocada em dúvida a alma e a humanidade dos povos indígenas e dos escravos africanos. E ainda hoje essa inferioridade se mantém porque medida com a produtividade capitalista dos países desenvolvidos do norte global. Enrique Dussel bem mostrou as implicações do domínio do ego euro/nortecêntrico sobre os povos do Sul, considerados “não ser”⁵⁰.

É preciso hoje afirmar convictamente a identidade latino-americana, situando pessoas e povos deste continente em seus territórios e contextos. A identidade afirmada com vontade e projetos de uma nova realidade social, nasce de um apelo histórico, como vocação e tarefa. Ela se constitui com valores locais afirmados em perspectiva decolonial no confronto com tendências neocolonizadoras da globalização cultural, econômica e política. Urge um “espírito de amor à autoctonia – e, por conseguinte, de contestação à dominação, à hegemonia, à prepotência”⁵¹. Para isso, faz-se necessário re-situar o humano latino-americano dando relevância à sua alteridade - “outreidade” - em três principais âmbitos:

1. *Individual/pessoal*, afirmando o valor da sua alteridade étnico-cultural. Isso faz com que os povos indígenas, por exemplo, se autodenominem a partir de seus territórios, onde constroem sua identidade e dignidade; os afro-descendentes, que em alguns países compõem a maioria ou metade da população, revalorizem

⁵⁰ Dussel, *Para uma ética da libertação latino-americana*. I: *Acesso ao ponto de partida da ética*.

⁵¹ Vigil e Casaldáliga, *Espiritualidade da libertação*, 53.

- sua arte, sua dança, sua comida, suas rezas; as classes populares se afirmem com suas culturas, suas linguagens, suas expressões de fé.
2. *No conhecimento da realidade*, desenvolvendo uma hermenêutica própria, sem reproduzir cosmovisões, categorias e linguagens desconectadas da própria realidade. O conhecimento da realidade se dá a partir das vivências concretas, contextualizadas nos processos políticos, culturais, econômicos e religiosos. Expressa o ser sujeito da própria história e, portanto, de sua interpretação, com ruptura epistemológica dos princípios euro/nortecêntricos e capaz de afirmar a heterogeneidade sociocultural da latino-americanidade.
 3. *No âmbito social/coletivo*, construindo um processo de cooperação política, econômica e cultural entre os povos latino-americanos para fortalecimento mútuo, estreitamento das relações de avizinhamento, amizade e compromisso com projetos comuns a médio e longo prazo. As sociedades latino-americanas precisam estar estruturadas politicamente para situarem-se com identidade própria na geopolítica, estabelecendo parcerias entre si e com povos de outras latitudes.

Re-situar o ser latino-americano nesses três âmbitos, ao menos, exige lideranças sociais e religiosas capazes de unir pessoas e povos com base a projetos de transformação e crescimento humano local e global. Não se trata de autoridades pessoais mas, como propõe o papa Francisco, de “organizações”⁵² e comunidades capacitadas para assegurar o bem comum dos povos locais, com “a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais”⁵³. No âmbito político, urge a afirmação de acordos bilaterais e multilaterais entre os Estados latino-americanos, para “o cuidado de um bem comum realmente universal e a tutela dos Estados mais vulneráveis”⁵⁴. Isso não significa afirmar regionalismos, mas somar esforços para, a partir da América Latina, contribuir com todos os povos para a “superação de um mundo de sócios”⁵⁵, construindo “sociedades abertas” pautadas em critérios de equidade na afirmação da soberania das nações. É nessa cooperação que se supera a indiferença aos dramas sociais vividos no interior dos diferentes países do continente latino-americano.

A fé cristã pode somar com as demais religiões da região na promoção da justiça, da fraternidade e da paz. O aumento do número de pessoas privadas dos direitos humanos básicos, descartadas, conclama os credos à afirmação dos princípios

⁵² Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 172.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid. 174.

⁵⁵ Ibid. 101-105.

de justiça, igualdade, solidariedade, bem comum⁵⁶. A partir de sua fé e sua crença, cada grupo religioso na América Latina pode estimular o diálogo e a cooperação que enriquece a convivência humana com suas contribuições sobre o sentido da vida que colhem do mistério. As religiões têm um papel central e unificador na ética social latino-americana, fortalecendo os valores identitários dos povos e revigorando sua estima. Deus os dignifica e salva no mundo em que vivem, com os meios da condição cultural e espiritual próprias.

Isso não é mero regionalismo, mas situa o ser latino-americano no mundo, envolvido em questões políticas, econômicas, culturais e ambientais num âmbito global. Mas situa-se a partir das implicações contextuais. E é no modo como cada pessoa crente se compreende e se re-situa no seu meio e na sua história, que se expressam as convicções religiosas fundamentais. Tal é o que se entende por uma fé encarnada.

Uma agenda a ser cumprida a curto e médio prazo

O que foi acima considerado requer das comunidades cristãs compromissos concretos, com uma agenda comum que contemple algumas pautas fundamentais: inclusividade; opção pelas pessoas empobrecidas; afirmação dos direitos humanos e da paz; e compromisso ecológico.

Inclusividade

A fé cristã é chamada a testemunhar a reconciliação dada por Cristo num sentido mais amplo do que a libertação dos pecados no sacramento da Penitência. Cristo propõe caminhos para a convivência pacífica entre os povos, onde não há mais estrangeiros ou forasteiros, todos são “concidadãos dos santos e da família de Deus” (Ef 2,18-22). Ninguém pode ser excluído por sua cor, etnia, sexo, ideologia, credo ou origem. O Deus cristão é Deus de todos os povos, concede a todos direitos de cidadania no planeta. A todas as pessoas, sobretudo as marginalizadas, Jesus diz: “vinde, benditos de meu Pai” (Mt 25,34), o Reino lhes pertence. Jesus acolhe, inclui, quem pessoas excluídas pelo sistema social e religioso, como a mulher considerada pecadora (Jo 8,1-11) e as pessoas leprosas (Mc 1, 40-44).

Com essa fé, as comunidades cristãs são chamadas a alimentar “um novo sonho de fraternidade e amizade social”⁵⁷, tecendo a paz entre os povos por relações

⁵⁶ Concílio Vaticano II, Declaração *Nostra aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs (1965)” 5.

⁵⁷ Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 6.

renovadas⁵⁸. Não se trata de integrismo, mas inclusivismo, sendo o Evangelho vivido também como um ato político de Deus na defesa dos direitos de seu povo.

Concretamente, as igrejas latino-americanas são desafiadas a favorecerem a inclusividade de índios, negros, mestiços, brancos, cristãos e não cristãos no convívio social, com direito à afirmação da própria identidade. Essa postura inclusiva desafia também as organizações eclesiais na superação do distanciamento entre clero e laicato, homens e mulheres, lideranças e comunidades. O papa Francisco é um forte crítico do clericalismo, da falta de espaço às mulheres nas estruturas eclesiais, do insuficiente reconhecimento dos valores das juventudes. A esperança de mudanças na Igreja está no laicato que atua com consciência cristã no (e a partir do) meio que ocupa na sociedade. Assim, a Igreja não se identifica com a hierarquia, e mais do que nunca se observam as limitações e as fragilidades desta, como constata o papa Francisco com “tristeza e vergonha pelos pecados de alguns membros da Igreja, e pelos próprios”⁵⁹.

A inclusividade afirma-se de modo dialogal no contexto do pluralismo eclesial e religioso, assumindo posturas ecumênicas de cooperação entre as diferentes formas de crer, no âmbito cristão e para além. O sagrado configura-se como pano de fundo dos diferentes sistemas religiosos e espirituais da atualidade, como um substrato numinoso presente em todas as expressões de fé e crença. E não se justificam as tendências de hegemonia ou superioridade religiosa. Faz-se necessário que as religiões desenvolvam uma postura horizontal e inclusiva, comprometida com o combate do preconceito e da xenofobia religiosa. É preciso “reconhecer o outro e apreciá-lo ‘como outro’, com a sua sensibilidade, as suas opções mais íntimas, o seu modo de viver e trabalhar”⁶⁰.

Opção pelas pessoas empobrecidas

As pessoas pobres são as primeiras vítimas do sistema que não lhes permite acesso aos recursos básicos para uma vida digna, e as têm à margem da sociedade⁶¹. São quem mais sofre também com as questões ambientais como mudanças climáticas, aquecimento

⁵⁸ Ibid. 225.

⁵⁹ Francisco, “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)” 76. Caso moral grave é a pedofilia, que fez o papa declarar na viagem à Irlanda em 2018: “A falência das autoridades eclesiais, ao enfrentarem adequadamente estes crimes repugnantes, suscitou, justamente, indignação e continua a ser causa de sofrimento e vergonha para a comunidade católica” (Francisco, “Discurso Viagem apostólica à Irlanda por ocasião do IX Encontro Mundial das Famílias. Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático [25/08/18])”.

⁶⁰ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade* 27.

⁶¹ Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 97; Francisco, “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)” 191.

global, desmatamento, escassez de água potável, falta de saneamento básico. A situação das populações vulneráveis requer uma “ecologia integral” que ouça “tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”⁶². Os Evangelhos mostram que Jesus traz a Bem Aventurança às pessoas pobres (Lc 6,20), a elas é anunciada a Boa Notícia (Lc 4,18) e delas Jesus se aproxima preferencialmente, identificando-se com as mais desvalidas (Mt 25,40). Tal é base para que a Igreja promova uma política que assegure os direitos humanos conectados com os direitos ambientais, priorizando a erradicação da miséria e o desenvolvimento humano⁶³ com garantia do futuro da vida também da criação.

Outra vez vale afirmar que para isso se faz necessário que a vivência do Evangelho que sustenta a fé cristã se dê por parcerias tanto com a sociedade quanto com outras expressões religiosas em projetos que promovem a justiça socioambiental. A verdadeira caridade promove a autonomia das pessoas pobres, superando o assistencialismo que as deixa numa situação de passividade⁶⁴. Elas precisam ter asseguradas as condições de participação social como sujeitos da própria história. Desse modo, é reconhecida a sua dignidade, respeitado o seu estilo próprio e a sua cultura, integrando-as na sociedade com políticas públicas estáveis. E assim tem-se a política como “a caridade mais ampla”⁶⁵ pela interação entre fé e sociedade, sendo o Evangelho vivido em princípios de justiça e bem comum.

Afirmação dos direitos humanos e da paz

Nos diferentes países latino-americanos existem tensões e conflitos motivados por interesses particulares de pessoas e/ou grupos, que prejudicam os processos de paz na sociedade. É lastimável que também grupos cristãos causam ou fortalecem esse fato. Isso é explícito nas posturas pretensamente religiosas de fundamentalismos e exclusivismos, em todas as igrejas, com ênfase em grupos pentecostais. A fé cristã é “fonte de identificação”, o que pode ser entendido também no sentido de “determinar quem é adversário”⁶⁶. Contra isso, afirma o papa Francisco:

...a violência é a negação de toda a religiosidade autêntica [...] Devemos denunciar as violações contra a dignidade humana e contra os direitos humanos, trazer

⁶² Ibid. 49.

⁶³ Ibid. 172.

⁶⁴ Francisco, *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social* 187.

⁶⁵ Ibid. 180.

⁶⁶ Schreiter, “La religión como fuente y recurso para la reconciliación”, 132.

à luz do dia as tentativas de justificar toda a forma de ódio em nome da religião e condená-las como falsificação idólatra de Deus.⁶⁷

A questão não é apenas religiosa, é também antropológica, sociológica, política, econômica, ética. As comunidades cristãs buscam se afirmar com poderes éticos, mas alguns são integradores e fortalecem a solidariedade social, enquanto outros desintegram as relações, semeiam intolerância e violência. Onde isso acontece, a fé cristã se descaracteriza em sua essência como portadora de paz e de vida abundante (cf. Jo 10,10).

Qual o papel da fé cristã frente às situações de negação dos direitos humanos? De vivificação espiritual do meio social, afirmando o Evangelho como base e estímulo para processos de paz, justiça, amor, solidariedade, qualificação da vida social. A fé assume a “ética da responsabilidade”⁶⁸ pela vida do ser humano e do planeta. Tendo o humano como critério básico, fim e não meio, a fé afirma suas convicções humanas integradoras, como “a inviolabilidade da pessoa humana; a liberdade inalienável da pessoa; a igualdade fundamental de todas as pessoas; a necessária solidariedade entre todas as pessoas”⁶⁹. Então, a fé religa o humano ao seu núcleo misterioso e essencial, e desde aí ao seu semelhante e à criação inteira. Afinal, “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade” (Ef 2,14). Dessa forma, a vivência cristã está, de fato, vinculada a uma experiência fundante que desperta o desejo de uma paz duradoura e sabedoria para edificá-la.

Compromisso ecológico

Focando um pouco mais nas questões ambientais, tal como as diversas regiões do planeta, também os países da América Latina sofrem com as mudanças climáticas, a poluição, o desmatamento, a escassez das águas, a perda da biodiversidade dos ecossistemas, entre outros. Em 2022 e 2023, uma seca sem precedentes na Argentina, causou a maior estiagem dos últimos 60 anos, atingindo duramente a agricultura e a economia desse país⁷⁰. No Brasil, dados do sistema Deter-B, do Instituto de Pesquisas Espaciais, INPE, mostram que em 2022 a floresta amazônica teve uma área destruída de 10.267 km²⁷¹; em abril de 2024, fortes chuvas na região sul deixaram milhares de

⁶⁷ Francisco, “Discurso aos participantes na Conferência Internacional em Prol da Paz”.

⁶⁸ Kung, *Projeto de uma ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, 62.

⁶⁹ Kung, *Ibid.*, 115.

⁷⁰ Metsul Meteorologia, “Seca atinge 175 milhões de hectares na Argentina e arrasa agricultura”.

⁷¹ Greenpeace, “Amazônia perdeu 10.267 km² em 2022, aponta Deter”.

desabrigados e causaram a morte cerca de 150 pessoas⁷². No Chile, fortes ondas de calor em 2024 provocaram um incêndio de grandes proporções na região de Val Paraíso, resultando em 123 mortes. No Peru, a Corte Interamericana de Direitos Humanos constatou que a população de La Oroya está “afetada por mais de 100 anos pela poluição do ar, da água e do solo derivada da atividade do Complexo Metalúrgico”⁷³ ali instalado.

Tais são apenas alguns exemplos da gravidade das questões ecológicas que atingem os países latino-americanos. Em parte, são consequências dos problemas ambientais globais, como o aquecimento global e o degelo da Antártida, que afeta cerca de 3,2 bilhões de pessoas – ou seja, 40% da população mundial. Mas dentre as causas disso, está a ação humana como uma das mais expressivas, como o destino inadequado do lixo doméstico, industrial e hospitalar, a poluição dos rios e dos meios urbanos, o mal uso do solo na agricultura, o extrativismo mineral, o desmatamento, entre outros. Ou seja, muitos dos problemas ambientais resultam de projetos econômicos que causam a destruição da natureza⁷⁴, e “o ‘progresso’ na ótica capitalista entra num círculo vicioso que serve mais à morte que à vida”⁷⁵.

O compromisso com o cuidado da criação é uma exigência da fé cristã que entende “tudo é carícia de Deus”⁷⁶. Essa fé questiona a concepção científica e técnica da racionalidade instrumental que desenvolve apenas o significado empírico e utilitário das coisas, e não permite compreender o mistério da criação como “um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado”⁷⁷. Também aqui é fundamental a parceria da fé cristã com outras religiões, mostrando que o mundo e a natureza não são meros objetos, mas um universo simbólico, com significados que transcendem sua materialidade. Tal consciência estimula a fraternidade criatural entre pessoas e seu meio ambiente, com novos comportamentos e novos estilos de vida que promovem uma “ecologia integral”⁷⁸. Pois “Não haverá ecologia sã e sustentável [...] se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida,

⁷² G1-Globo.com, “Temporais no RS: mais duas mortes são confirmadas e total chega a 157”.

⁷³ Martins, “Corte IDH condena Peru por danos ao meio ambiente e à saúde de moradores de La Oroya”.

⁷⁴ Wolff, “O compromisso ecológico do movimento ecumênico no Brasil”, 55.

⁷⁵ Wolff, “Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016: compromisso das igrejas pela vida no planeta”, 23.

⁷⁶ Ibid., 84.

⁷⁷ Ibid., 76.

⁷⁸ Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, “Documento preparatório do Sinodo para a Amazônia: ‘Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral’ (2018)” 53.

menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno”⁷⁹. É neste sentido que a fé cristã se compromete com o cuidado da casa comum e o Pacto Educativo Global⁸⁰, estreitamente vinculados com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU e as 169 metas para a Agenda 2030⁸¹.

Conclusão

É preciso repropor o Evangelho na América Latina, encontrando novas formas de vivência cristã convincentes do discipulado de Jesus de Nazaré e da opção pela sua proposta do Reino. Não se trata de recristianizar o continente com base a novas doutrinas ou ritos, apenas reafirmando a perspectiva institucional, o que não deu certo. É preciso re-evangelizar por uma *experiência* autêntica da verdade e beleza do Evangelho, do amor de Deus manifestado em Cristo, experiência que incide efetivamente nas vivências cotidianas das pessoas e comunidades. Urge mostrar a “profundidade de riqueza, de sabedoria e de ciência de Deus” (Rm 11, 33) que qualifica o viver da fé. Isso significa recuperar o coração do Evangelho com significado na vida social e sentido para a totalidade da realidade. E tal implica na parresia como ousadia de inserção na vida dos povos, fortalecendo-os em suas vicissitudes cotidianas.

O futuro da fé cristã na América Latina está na dependência desse processo de reevangelização, com nova compreensão da mensagem cristã em perspectiva contextual, decolonial e inserida, com uma práxis que promova a dignidade da vida humana e da criação. A razão desse esforço é a fé num Deus intra-mundo, amorosamente envolvido com a humanidade. Nisso tem prioridade o compromisso pelas pessoas empobrecidas e pelos dramas ecológicos que ora vivemos.

Tal futuro será possível se houver o discernimento das fragilidades atuais do testemunho cristão, que frustram a proposta do Evangelho, e o esforço de sua superação através de uma rerepresentação do Evangelho que implique tanto num testemunho prático da fé pelo amor, a justiça, a solidariedade e a fraternidade, quanto no redimensionamento doutrinal, litúrgico, espiritual e estrutural da Igreja, possibilitando melhores condições de proposição e de acolhida da Boa Nova do Reino no mundo atual. Três caminhos são fundamentais para isso:

⁷⁹ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade* 58.

⁸⁰ Francisco, “Mensagem para o lançamento do pacto educativo (2019)”.

⁸¹ Nações Unidas-Brasil, “Como as Nações Unidas apoiam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil”.

1. Olhar o futuro a partir da realidade que no presente vivemos, e aí revigorar a perspectiva prática da fé com a inserção do Evangelho no cotidiano social, com opções urgentes para uma fé mais de experiência do que de pertença.
2. Fortalecer a dimensão utópica da fé na perspectiva do Reino de Deus no qual se alimenta a esperança que caracteriza o ser cristão e sustenta a Igreja a “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18);
3. Estabelecer parcerias com o pluralismo cultural, eclesial e religioso, em projetos que ajudam o ser humano a estabelecer vínculos entre interioridade e exterioridade, a cultura do encontro entre o “eu” e o “nós”, do fragmento e do todo, do histórico e do utópico, irmanando a todos/as na *oikoumene*, a casa comum. Assim, é fortalecida a afirmação do Evangelho na América Latina, superando as fragilidades da vivência cristã que frustram a sua proposta.

Referências bibliográficas

- Acosta, Alberto. *O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- Amaro, Flávia Ribeiro. “Um giro epistemológico nos estudos sobre religião: a decolonialidade do sagrado”. *Revista TEL* 13/1 (2022): 151-171.
- BBC Brasil.com. “Criminalidade cresce e assusta argentinos”. Em *BBC Brasil.com*, https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2003/07/printable/030721_argentinacs/ (consulta, 05 de maio de 2024).
- Bingemer, Maria Clara. “Mais espiritualidade e menos religião (característica da nossa época?)”. *Revista Brasileira de Filosofia da Religião* 3/1 (2016): 75-91.
- Bingemer, Maria Clara. “Mística e secularidade: impossível afinidade?”. *Horizonte* 12/35 (2014): 851-885.
- Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documento de Aparecida – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007)*. São Paulo: Paulus- Paulinas, 2007.
- Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- Cepal. *Panorama social de América Latina y el Caribe 2023: la inclusión laboral como eje central para el desarrollo social inclusivo*. Santiago: Naciones Unidas-Cepal, 2023.

- Collin, Dominique. *O cristianismo ainda não existe. Entre projetos inexistentes e a prática do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Concílio Vaticano II. “Constituição pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo actual (1965)”. Vatican, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html/ (consulta, 05/05/2024).
- Concílio Vaticano II. Declaração *Nostra aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs (1965)”, Vatican, (consulta, 05/05/2024).
- Corten, André. “O pentecostalismo transnacionalizado no contexto teológico-político”. *Horizontes Antropológicos* 7/15 (2001): 149-160.
- Corten, André; Vanessa Molina; e Thomas Chiasson-LeBel. “Imaginaires religieux et politiques em América Latine. Les contours des renvois de signification”. *Horizontes Antropológicos* 13/27 (2007): 253-280.
- Da Silva, Eliane Moura da. “Religião: da fenomenologia à História”. Em *Religião e Sociedade na América Latina*, por Eliane Moura Da Silva; Karina Kosicki Bellotti; e Leonildo Silveira Campos. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010.
- Dalla Rosa, Luís Carlos. “Bem-viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de decolonialidade”. *Educação* 42/2 (2019): 298-307.
- De Oliveira, Larissa Pascutti. “Zygmund Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida”. *Sem Aspas* 1/1 (2012): 25-36.
- Do Nascimento, Wanderson Flor. “Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu”. *Prometeus* 9/21 (2016): 231-245.
- Dussel, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. Em *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, por Edgar Landier, 55-70. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- Dussel, Enrique. *Para uma ética da libertação latino-americana*. I: *Acesso ao ponto de partida da ética*. São Paulo: Loyola, 1977.
- Francisco. *Carta encíclica Fratelli tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Francisco. *Carta encíclica Laudato si’ sobre os cuidados com a casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

- Francisco. “Discurso aos participantes na Conferência Discurso aos participantes na Conferência Internacional em Prol da Paz (28/04/2017)”. *Vatican*, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html (consulta, 05/05/2024).
- Francisco. “Exortação apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual (2013)”. *Vatican*, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html (consulta, 05/05/2024).
- Francisco. *Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Francisco. “Mensagem para o lançamento do pacto educativo (2019)”. *Vatican*, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html (consulta, 06 de maio de 2024).
- Francisco. “Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres”. *Vatican*, (14/11/2021), <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>
- Francisco. “Discurso Viagem apostólica à Irlanda por ocasião do IX Encontro Mundial das Famílias. Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático (25/08/18)”. *Vatican*, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/august/documents/papa-francesco_20180825_dublino-irlanda-autorita.html
- G1-Globo.com. “Temporais no RS: mais duas mortes são confirmadas e total chega a 157”. *G1-Globo.com*, 16/05/2024, <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/16/relatorio-defesa-civil-vitimas-enchentes-rs-1605.ghtml> (consulta, 17/05/2024).
- Galeano, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1971.
- Gandra, Alana. “Pesquisa mostra que solidariedade é maior entre moradores de favelas”.
- Agência Brasil, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/pesquisa-mostra-que-solidariedade-e-maior-entre-moradores-de> (consulta, 18/10/2024).
- Gauchet, Marcel. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985.

- Gilonna Junior, Roberto; e José Eurico Ramos de Souza. “Desenvolvimento do bem-viver junto aos povos tradicionais”. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- Rease* 7/2 (2021): 250-261.
- Greenpeace. “Amazônia perdeu 10.267 km² em 2022, aponta Deter”. *Greenpeace Brasil*, 9 de janeiro de 2023, <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/amazonia-perdeu-10-267-km-em-2022-aponta-deter/> (consulta, 06 de maio de 2024).
- Hick, John. *Uma interpretação da religião. Respostas humanas ao transcendente*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Hortegas, Monica Giraldo. “Religião popular e sincretismo na América Latina: uma análise decolonial”. *Vozes dos Vales* 10/20 (2021): 1-16. Disponível em <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2021/10/Hortegas.pdf> (consulta, 03 de maio de 2024).
- Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. *Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências. Dossiê 59*. Brasil: Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 2022.
- Kung, Hans. *Projeto de uma ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- Lucena, André. “Fome na América Latina cresceu 28% em meio à pandemia, mostra relatório da ONU” (20/01/2023). *Carta Capital*, <https://www.cartacapital.com.br/economia/fome-na-america-latina-cresceu-28-em-meio-a-pandemia-mostra-relatorio-da-onu/> (consulta, 06 de maio de 2024).
- Mallimaci, Fortunato. “A situação religiosa na Argentina urbana do fim do milênio”. Em *Globalização e religião*, por Ari Pedro Oro y Carlos Alberto Steil, 73-92. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Martins, Elisa. “Corte IDH condena Peru por danos ao meio ambiente e à saúde de moradores de La Oroya”. *Jota*, 28/03/2024, <https://www.jota.info/coberturas-especiais/direitos-humanos/corte-idh-condena-peru-por-danos-ao-meio-ambiente-e-a-saude-de-moradores-de-la-oroya-28032024> (consulta, 05 de maio de 2024).
- Metsul Metereologia. “Seca atinge 175 milhões de hectares na argentina e arrasa agricultura (19/01/2023)”. *Metsul*, <https://metsul.com/seca-atinge-175-milhoes-de-hectares-na-argentina-e-arrasa-agricultura> (consulta, 05 de maio de 2024).
- Mignolo, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

- Moingt, Joseph. *Faire bouger l'Église*. Paris: DDB, 2012.
- Moingt, Joseph. *L'Évangile sauvera l'Église*. Paris: Salvator, 2013.
- Nações Unidas-Brasil. “Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil”. *Nações unidas-Brasil*, <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> (consulta, 06 de maio de 2024).
- Palácio, Carlos. “O cristianismo na América Latina. Discernindo o presente para preparar o futuro”. *Perspectiva teológica* 36 (2004): 173-196.
- Pardo, Daniel. “Os resquícios da guerra que seguem no cotidiano da Colômbia” (23/09/2023). *BBC News*, <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3gwq779vn0o> (consulta, 05 de maio de 2024).
- Parker, Cristian. *Religião popular e modernização capitalista. Outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- Pitta, Iuri. “Morte de 66 jovens por dia no Brasil tem impacto de R\$ 150 bilhões ao ano, diz Atlas da violência” (05/12/2023). *CNBB-Brasil*, <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/morte-de-66-jovens-por-dia-no-brasil-tem-impacto-de-r-150-bilhoes-ao-ano-diz-atlas-da-violencia> (consulta, 03 de maio de 2024).
- Quijano, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. Em *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, por Edgardo Lander, 107-126. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- Secretaria General do Sínodo dos Bispos. “Documento preparatório do Sínodo para a Amazônia: ‘Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia inte-gral’ (2018)”. *Secretariat.synod.va*, <http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-preparatorio.pdf> (consulta, 05 de maio de 2024).
- Schreiter, Robert. “La religión como fuente y recurso para la reconciliación”. *Concilium* 5/303 (2003): 129-138.
- Steil, Carlos Alberto. “Catolicismo e cultura”. Em *Religião e cultura popular*, por Victor Vincent Valla, 9-40. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- Tillich, Paul. *Théologie systématique*. Tome 4: *La vie et l'Esprit*. Genève: Labor et Fides, 1991.
- Vigil, José Maria; e Pedro Casaldáliga. *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1996.